

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO DE LITERATURA: OS DISCURSOS OFICIAIS E ACADÊMICOS

Daniela Maria Segabinazi (UFPB)  
dani.segabinazi@gmail.com

**RESUMO:** As campanhas públicas e privadas de incentivo à leitura, o aumento de pesquisas acadêmicas e publicações de livros e periódicos destinando espaços para debater a formação de leitores e o ensino de literatura na escola e fora dela, têm corroborado o esforço e a permanência para a construção de propostas de fomento à leitura no Brasil. Também, nessa esteira, as políticas públicas vêm se intensificando e se valendo do empenho de todos para apresentar novos paradigmas às concepções e práticas de leitura na escola, provocando a reorganização nas rotinas tradicionais do ensino de literatura nos currículos e nas atividades da sala de aula, e, sobretudo, na formação e na praxis do professor. Assim, refletindo sobre esse contexto de transformações na escola, no ensino de literatura e, principalmente, no papel que o professor deve assumir diante da necessidade de formar leitores, o presente artigo intenciona evidenciar como os discursos oficiais e acadêmicos explicitam a “nova” função do professor ao também assumir o papel de mediador e articulador da leitura literária na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Professor. Mediação. Leitor.

#### **INTRODUÇÃO**

Desde os anos 70, do século passado, inúmeros programas e campanhas de incentivo à leitura literária nos mostram articulações a favor da construção e consolidação de um público leitor no Brasil. Além disso, o aumento de grupos de pesquisas acadêmicas, que promovem e intensificam discussões e publicações em livros e periódicos, destinando espaços para debater a formação de leitores e o ensino de literatura na escola e fora dela, tem corroborado o esforço e a permanência para a construção de propostas que, efetivamente, ampliem o hábito e o gosto pela leitura em nossa sociedade.

Então, diante desse cenário, podemos considerar que investimentos em políticas públicas e campanhas oficiais, bem como em fomento às pesquisas acadêmicas têm sido fundamentais, sobretudo, porque promovem e provocam novos arranjos nas práticas de leitura, especialmente na escola, e reorganizam rotinas e vivências tradicionais do ensino de literatura nos currículos e nas atividades da sala de aula. Com isso, nos fazem repensar nas transformações que os cursos de Letras deveriam realizar, bem como nas ações pedagógicas que escolas e professores de literatura e língua portuguesa devem fazer para abarcar tantas orientações e concepções teórico-metodológicas em tão pouco tempo, especialmente, aquelas direcionadas ao ensino de literatura.

É nesse contexto de mudanças que acreditamos que uma das figuras mais importantes para um projeto de formação de leitores a partir do ensino de literatura, sem dúvida, é o professor. No entanto, essa função atribuída a ele ainda não se faz tão presente na escola, o que se evidencia nos insucessos da leitura literária ou mesmo seu possível “esquecimento” nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente, do ensino fundamental. Assim, apesar dos dados de pesquisas que evidenciam os problemas dessa formação leitora no Brasil (à exemplo da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, 2016), é preciso considerar que o papel do professor está em plena transformação; e, que nesse compasso, a formação de professores leitores é urgente, tanto na formação inicial quanto na continuada.

Os discursos oficiais e os discursos acadêmicos têm apontado, nas últimas décadas, para o protagonismo do professor a partir de uma concepção de mediação, portanto, não mais como um detentor único do saber, mas um multiplicador, animador e intermediador do conhecimento e do gosto pela leitura literária. Sob essa perspectiva, diante de uma realidade em ebulição e constante mutação, mediada pelo oficial e pelo acadêmico e transformada e adaptada pelo professor, que procuramos explorar a discussão sobre a articulação escolar da leitura literária na formação de leitores. É devido a essa situação, dos encontros e desencontros entre os discursos dos saberes científicos e da formação profissional (dos domínios teóricos, métodos e técnicas) e dos saberes experienciais, que surge a relevância de situar o lugar do/a professor/a, como o principal articulador e protagonista no ensino de literatura da escola do ensino básico e, porque não, também do ensino superior.

## **A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR: O QUE PRECONIZAM OS DISCURSOS**

O conjunto de legislações e documentos, lançados pelo Ministério da Educação, desde a publicação da Lei de Diretrizes e Bases nacionais (LDB), de 1996, constituem o arcabouço legal e oficial que determina, preconiza e orienta toda a organização da educação brasileira, o que nos faz nomeá-los de discurso oficial.

Desse modo, a formação do professor de literatura não escapa à essa orientação legal, e, por isso, entendemos que seja necessário destacar os discursos oficiais que prescrevem esse perfil docente. Entre eles, destacamos apenas dois documentos,

os quais entendemos serem os mais importantes para a orientação na formação das competências e saberes profissionais do professor de literatura no ensino básico: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1998) e as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM 2006), os quais se mantêm como pilares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2015/16) e, fortemente, evidenciados na segunda versão (maio de 2016). Esses documentos lançam recomendações que qualificam e fixam o papel e a função do professor.

Começamos pelo que estabelece os PCNs de Língua Portuguesa (1998) ao precorizar que o ensino-aprendizagem de língua portuguesa resulta da associação de três variáveis, a saber: o aluno; os conhecimentos com os quais se operam nas práticas de linguagem; e a mediação do professor (1998: 22). Logo, já podemos constatar a importância do professor nessa articulação, e, portanto, cabe-lhe, de acordo com os parâmetros:

planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem (PCNs, 1998: 22)

Todavia, no que diz respeito ao lugar do professor, na promoção da leitura literária, nenhuma indicação é encontrada. Aliás, se não fosse apenas uma página que se delimita a apresentar, com precariedade, “a especificidade do texto literário”, poderíamos afirmar que a literatura sucumbiu diante da língua portuguesa, principalmente, frente a supremacia dos estudos dos gêneros discursivos. Seja como for, a questão é que os parâmetros não deixaram muito claro aos professores o que poderiam ou deveriam fazer para promover a formação do leitor, apenas trataram de dizer que para não cometer equívocos no estudo do texto literário seria necessário contribuir para a formação de leitores “capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias” (PCNs 1998, p. 27).

Já as Orientações Curriculares para o ensino médio (OCNEM 2006), após reformulações pelas críticas recebidas, também apresenta, entre as possibilidades de mediação da leitura do texto literário na escola, o ofício do professor como mediador. Cito o documento:

O estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário. Essas

escolhas ligam-se não só às preferências pessoais, mas a exigências curriculares dos projetos pedagógicos da escola. (OCNEM, 2006, p72)

A partir dessa afirmação, o texto oficial vai orientar como o professor deve selecionar seu material didático para realizar a leitura de obras literárias no ensino médio, bem como vai estabelecer uma metodologia centrada nos projetos de leitura; certamente, outra perspectiva da articulação escolar da leitura literária que promove e colabora para um planejamento eficiente dos espaços de leitura, mas que nesse momento não é nossa pretensão desenvolvê-la.

Quase ao final do documento, observamos uma ressalva, um realce para a necessidade da formação literária do professor de Português. A afirmação é a seguinte:

chama-se a atenção para a necessidade de formação literária dos professores de Português, sobretudo no âmbito da proximidade com a pesquisa e, conseqüentemente, do vínculo com a universidade, em percurso de mão dupla, já que essa não pode jamais esquecer seu compromisso com a educação básica. Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também se requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária. (OCNEM 2006: 75)

A ênfase recai sobre o conhecimento que o professor deve adquirir na formação inicial, que por sua vez deve estar em consonância com as pesquisas, mas também com a educação básica. A partir daí o documento continua discutindo, exemplificando e indicando propostas e alternativas para o ensino de literatura. Porém, o que nos parece evidente, no que corresponde ao papel do professor, é que este, acima de tudo, precisa ser um leitor para ser um mediador que de fato realize intervenções no âmbito escolar.

Até aqui assinalamos como os discursos oficiais apresentam o ofício do professor e o quanto são lacunares e incompletos na definição e explicação de suas funções, principalmente quando se trata de orientar o/a professor/a sobre a mediação da leitura do texto literário. Porém, não são apenas esses discursos que orientam as práticas dos professores, como dissemos, inicialmente, os discursos acadêmicos também colaboram para informar e formar uma concepção e um perfil profissional para a docência.

Assim, ao buscarmos fontes que sustentam e orientam para a formação docente em Literatura, encontramos um volume considerável de pesquisas e publicações que, desde os anos 70 do século XX, têm se mantido estável em seus princípios e fundamentos teóricos em relação ao ensino de literatura a partir da mediação do professor. Desde os estudos de Lígia Chiappini, descritos na obra *Invasão da catedral* (1983), e, que, recentemente foi revisado e lançado sob o título *Reinvenção da catedral* (2005); de Maria Thereza Fraga Rocco, expressos no livro *Literatura/ensino: uma problemática* (1981); de Alice Vieira, em *O prazer do texto* (1989); de Maria do Rosário Mortatti, em *Leitura, literatura e escola* (1989); e, de Regina Zilberman em obras como *A leitura e o ensino da literatura* (1988) e *Leitura em crise na escola* (1993), essa

também revisada e, recentemente, publicada com novo título *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas* (2009); entre outros numerosos títulos publicados entre as décadas de 80 e 90.

Desde então, consideramos que a preocupação com a leitura literária e sua mediação na escola tem sido incansável e resistente, a tal ponto que o debate foi ampliado e, com isso, conseguimos expandir a discussão para novas publicações, novos grupos de pesquisas, alterações em currículos do ensino básico e superior, mudanças em políticas públicas e aumento de campanhas e incentivo à leitura e formação de leitores no país. As obras referenciadas nos ajudam a pensar no protagonismo do professor de literatura quando seu papel/função é incentivar e formar o gosto pela leitura literária, consequentemente, peça chave para movimentar a engrenagem dessa articulação na escola.

Recorremos, primeiramente, a afirmação de Maria do Rosário M. Magnani (1989) ao ressaltar que “pode-se aprender a ler e pode-se formar o gosto” e que, para isso, diz a autora:

Parece-me que a saída mais coerente para o professor pode ser buscada numa ‘praxis’ compartilhada que lhe ofereça segurança e permita uma interferência crítica. Cabe ao educador romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço, para além da dicotomia valorativa entre quantidade e qualidade. Para isso, é preciso problematizar o conhecido, transformando-o num desafio que propicie a mobilidade. (1989: 92)

Dessa forma, pressupõe-se que haja um processo de ensino-aprendizagem e que, portanto, cabe ao professor ensinar a ler a partir de um planejamento de metodologias e estratégias que melhor se encaixem para aquele momento de leitura, isto é, para a obra que foi selecionada como objeto estético de ensino da leitura literária. Por esta via, o professor é quem vai apresentar ao aluno o desconhecido, isto é, está sob sua responsabilidade a oferta e a partilha da leitura de uma obra de valor estético, rompendo com os horizontes já estabilizados nas prévias leituras dos alunos/leitores.

Outro posicionamento que deposita no professor a imprescindível participação no encontro autor/texto/leitor, deriva das discussões propostas por Marisa Lajolo (1993). Entre as condições essenciais colocadas pela autora, está que um professor seja um bom leitor (algo que os documentos também oficializam), pois são grandes as chances de que ele seja um mau professor se não for um bom leitor. Nesse caso, o professor bom leitor é privilegiado por ter construído sua maturidade leitora “ao longo da intimidade com muitos e muitos textos (...)” e “para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já ele leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida” (Lajolo 1993: 53). Concomitante a esse pensamento, Regina Zilberman ao propor que a leitura seja reintroduzida na sala de aula a partir de sua função primordial, a “da recuperação do contrato do aluno com a obra de ficção”, remete ao professor um ofício “menos sobrecarregado e

mais flexível para o diálogo” (1993: 21), já que desaparece a hierarquia do professor sobre o aluno. Segundo a autora, na mesma página, “sendo toda a interpretação em princípio válida, porque oriunda da revelação do universo representado na obra, ela impede a fixação de uma verdade anterior e acabada, o que ratifica a expressão do aluno e desautoriza a certeza do professor”.

Com efeito, as autoras introduzem uma mudança na formação e nas atribuições do professor de literatura. Primeiro porque é responsável por ensinar a ler literatura e por ensinar o gosto pela leitura; segundo, porque precisam ser leitores de literatura e não mais apenas detentores de conteúdos e teorias sobre o texto literário e, por fim, porque não são mais figuras que detém única e exclusivamente o saber sobre a literatura, mas sim sujeitos que participam ativamente no processo de formação dos leitores, agora mediando e intervindo nas escolhas e nas interações autor/texto/leitor. Com essa perspectiva e avançando no tempo, os discursos acadêmicos se firmam em propostas que consideram o professor um facilitador, mediador e, até mesmo, um animador na relação de ensino-aprendizagem da leitura de literatura na escola. O que de modo algum facilita o trabalho do professor, ao contrário, seus saberes e responsabilidades docentes aumentam nessa relação professor/leitor-leitura-aluno/leitor.

Estudos mais recentes, já no século XXI, avançam e mostram quais são as competências do professor que fortalecem experiências bem sucedidas com a leitura de obras ficcionais na sala de aula. Talvez, reflexo dos estudos e iniciativas tomadas nos decênios finais do século XX, as quais, sucintamente, nos referimos anteriormente, podem ser a razão desse sucesso, de uma nova conjuntura da leitura literária na escola. O importante é que, nesse contexto, o professor tenha consciência e clareza do seu lugar na mediação do “ensinar/formar” um leitor de literatura. Como diz Fabiane Burlamaque: “é, então, papel do professor, criar oportunidades que permitam ao aluno construir sua interpretação e interação com o texto” (2006: 83). E, reafirmado por Renata Junqueira e Caroline Santos:

espera-se que o professor seja um agente fundamental na mediação entre alunos e suportes textuais, um impulsionador e guia, no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida.

Para que isso se concretize, é necessário que o próprio professor se veja como sujeito-leitor, um ente que se sinta desafiado diante dos ‘objetos de leitura’ e suas diferentes linguagens. (2004: 81)

De acordo com essa perspectiva, é papel do professor mediar, auxiliar e ajudar o aluno a realizar descobertas e desvelar significados nas obras literárias que leem, confirmando ou refutando percepções e sentidos que vão enriquecer e ampliar o repertório de leituras do aluno. Nesse sentido, na interpretação de uma obra literária deve-se considerar a compreensão de como uma história é narrada ou de como um poema evoca sentidos, ou seja, disponibilizamos a competência de saber construir sentidos para as leituras, estabelecendo relações de texto, contexto e intertexto, de linguagem, de temas, entre outras situações propostas pelo texto literário, como

a ligação entre o que lemos e a nossa subjetividade. Flávia B. Ramos acredita que “quando o leitor dialoga com a literatura, está realizando uma prática social de interação com signos que lhe permitem desvelar alguns dos possíveis sentidos do texto e, conseqüentemente, da realidade, estabelecendo vínculos com manifestações socioculturais que podem estar distantes no tempo e no espaço” (2004: 109-110).

Essa experiência, muitas vezes, é concebida apenas no ambiente escolar, e, por isso, o papel do professor torna-se vital nesse processo de mediação, de comunhão entre autor/texto/leitor. Esse diálogo, para alguns pesquisadores, pode obter melhor resultado se compartilhado com entusiasmo por parte do professor, o qual pode estar estampado em ações muito simples como compartilhar leituras e significados de obras de forma aleatória, isto é, que não foram planejadas em planos de aula e projetos de leitura, mas que foram indicadas, comentadas e partilhadas em outros momentos com os alunos. Aliás, essa forma de interação, de troca de experiências de leitura, tem revelado a importância da presença de um professor leitor que contamina e encoraja o impulso para os livros, para a literatura. Ainda, atitudes como ler em voz alta na sala de aula um conto ou um poema, comentar um romance e até mesmo apresentar uma proposta de leitura podem fazer do professor um “modelo” de comportamento para o leitor, ensinando, portanto, “como se faz para ler” (Lerner 1996: 17-25).

Depoimentos, entrevistas e memórias de leituras apresentadas em livros e pesquisas acadêmicas e em enredos de obras ficcionais revelam e confirmam a participação do professor no protagonismo para a formação de leitores de literatura. O trecho a seguir, é um testemunho da magnitude que o professor tem diante do seu aluno:

Minha experiência de professor de literatura (e creio que a experiência de todos os professores de literatura) me ensinou, convincentemente, que as respostas dos estudantes de literatura estão fortemente condicionadas pela imagem do professor, pelo entusiasmo e pelas decepções que projeta; as respostas afirmativas aos desafios do professor e da literatura se revestem de muitos aspectos, de tantos como os rostos dos que são capazes de enuncia-las; as respostas negativas (...) estão todas, e cruelmente, incluídas na não leitura. (Colomer 2007: 108)

Em outras palavras, significa dizer que o professor é responsável por projetar e impulsionar no aluno uma formação literária que pode ser ou não satisfatória, ou seja, depende do comportamento docente, suas atitudes, procedimentos didáticos e indicações/orientações de leitura, a aproximação e o desejo, ou não, pela literatura. Nessa ação positiva, em que o professor é o espelho para o aluno, destacamos o verbo “compartilhar”, que Teresa Colomer utiliza para discutir o esforço que tem sido feito para ajudar o leitor ante as dificuldades inerentes à leitura, “uma atividade que necessita condições tais como tempo, solidão, concentração, aquisição de habilidades específicas ou exercícios” (2007: 110).

Compartilhar não é uma tarefa simples e fácil, requer do professor a paciência, atenção, observação e compreensão para saber como agir e quando agir na condução/mediação de leituras dos seus alunos. Como diz Teresa Colomer, será necessário que fique atento para equilibrar as leituras apressadas e impacientes com leituras mais lentas, que exigem mais calma; nesse caso, um professor que facilite, “dando o significado das palavras novas, sem remeter-lhes às demoras do dicionário nesse momento” (2007: 110), por exemplo. E, também, elaborar projetos de trabalho que recorram às necessidades e correspondam às expectativas e anseios sobre os modos de ler dos alunos, apresentando e conduzindo-os a livros e obras que desafiem seus medos e receio de não compreenderem o desconhecido. Isto é, um projeto com atividades bem elaboradas vão permitir que o professor compartilhe seus saberes e comentários de leitura de modo que os alunos sintam-se convidados a vencer o esforço de ler.

Na direção dos discursos acadêmicos, revelados por pesquisas, também é possível constatar elementos e argumentos que comprovam os novos paradigmas para a formação do professor leitor e mediador das leituras literárias na escola. Gabriela Rodella de Oliveira, na sua dissertação “O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino” (2008), nos apresenta a constituição de um sujeito leitor a partir das vozes dos professores; e, a partir dessas revelações, é incontestável a percepção de que ele é responsável por mediar, acompanhar e promover o gosto e saber ler na escola, apesar de muitos percalços e obstáculos que também são declarados nas entrevistas. Já, a tese “Educação literária e a formação docente: encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na universidade do século XXI” (2011), de Daniela M. Segabinazi, sinaliza a formação docente do professor de Literatura nos cursos de Letras e sua integração e conexão com o ensino de literatura no nível médio; apresentando entrevistas com professores e alunos dos dois níveis de ensino: superior e básico. Nessa pesquisa, ficam evidentes as concepções e práticas de ensino da leitura literária para a formação de leitores, os fracassos e os sucessos de posturas exitosas por parte dos professores, as quais podem ser percebidas nas respostas dos alunos do ensino médio:

- a) O que mais me agrada é quando há o momento de leituras das poesias, e o que desagrada é quando as aulas ficam monótonas, por mais que goste de poesias, quando as leituras ficam morgadas, desagrada-me muito. (17 anos, 3º ano);
- b) O que mais me agrada: o desempenho do professor, a forma que ele tenta repassar a literatura para nós, bem extrovertido e alegre; o que mais me desagrada: os alunos fazendo barulho. (17 anos, 3º ano);
- e, c) Gosto de tudo. O professor se empolga tanto que se torna fantástica a aula dele, eu pelo menos Amo. (17 anos, 3º ano). (Segabinazi 2011: 152-153)

Essas declarações evidenciam como a mediação do professor convida e ajuda a imersão do leitor nas profundezas literárias. Nesse sentido, a preciosidade e a importância do papel exercido pelo professor na condução das aulas de literatura são fun-

damentais, e mostram o entusiasmo do professor em compartilhar o encantamento pela poesia, confirmando a importância desse profissional no estímulo ao gosto por essas aulas e, conseqüentemente, o apoio na descoberta e na revelação que o texto literário oferece.

Desse modo, conforme as pesquisas citadas, alunos e professores dividem a mesma opinião quando os temas são as referências, as influências e as interferências sobre um modelo de leitura/leitor. Fica confirmado que o professor é um elo entre o autor/texto/leitor e, por essa razão, ser agente dessa mediação exige consciência, conhecimento e convicção no trabalho que precisa ser efetivo com a leitura literária, mas, acima de tudo, precisa ser um leitor.

Já na ficção, os exemplos também são muitos. Há uma diversidade de obras literárias que encaminham seus enredos para tematizar a educação, a escola e o professor ou, simplesmente, apresentam passagens que esses assuntos são abordados. Nesse sentido, é suficiente lembrarmos das obras *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida; *A casa da madrinha*, de Ligia Bojunga e a emblemática *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo, que, com certeza, nos mostra, sobretudo, um espaço para o prazer de ler, de como ler e o que ler com a professora, mediadora e animadora das leituras de seus alunos. Poderíamos também elencar obras da literatura brasileira ou mesmo citar escritores e autores da literatura que também já contribuíram com suas declarações a respeito de como um professor pode tornar-se o protagonista na história dos leitores. Entretanto, esse não é o nosso foco, mas vale mencionar esses testemunhos para solidificar o papel e o protagonismo do professor no cenário que se apresenta nesse novo século.

Partindo do exame dos discursos oficiais e acadêmicos, podemos afirmar que é colocado ao professor de Língua Portuguesa um grande desafio: formar leitores a partir do lugar da mediação, ou seja, de quem tem o compromisso de compartilhar leituras com entusiasmo e muita competência, dois ingredientes imprescindíveis para o ofício docente que se propõe a acolher e renovar as práticas de ensino de literatura e da leitura literária. Essa proposição imposta ao professor torna-se, ainda, maior quando as contrariedades advindas de sua formação precária (de leitor e de professor) e da sua realidade escolar e social se fundem e deixam amostra as carências, as faltas e os problemas que afetam o desenvolvimento de um projeto de formação de leitores de literatura na escola. Entretanto, é sobre essa realidade mediada pelo discurso oficial e acadêmico que o professor precisa transitar e adaptar-se, realizando as articulações da leitura literária na sua escola, na sua sala de aula, na sua turma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem sobre a mediação do professor no ensino de literatura, sob o viés dos discursos oficial e acadêmico, é uma provocação ao debate sobre a formação docente e os embates com o qual esse profissional precisa resolver e superar todos os dias na(s) escola(s) em que atua. Por isso, apesar de termos apresentado o que

dizem esses discursos, o que sugerem e recomendam para a prática da leitura literária na escola e, conseqüentemente, para a “nova” função do professor, acreditamos que estamos longe de resolver os encontros e desencontros entre essas realidades: de um lado o discurso oficial/acadêmico e, de outro, o discurso da experiência e do saber docente, que mostram ter consciência dessas orientações, mas que no cotidiano escolar se inviabiliza por diversos impasses, os quais estão bem esclarecidos nas pesquisas de Gabriela Rodella de Oliveira (2008) e Daniela Segabinazi (2011), mas que reiteramos aqui: precária formação inicial; não leitores; imposições burocráticas de um sistema que impossibilita diversificar as práticas e realizar formação continuada; jornada de trabalho e etc.

Entretanto, podemos considerar que, mesmo a passos lentos, os discursos que oficializam um novo paradigma para o ensino de literatura são necessários e fundamentais para provocar os novos arranjos nas práticas pedagógicas dos professores e da comunidade escolar. E, com isso, queremos destacar um sentido positivo para essas orientações, pois impulsionam um repensar, um agir e um transformar a literatura no contexto escolar. Primeiramente, porque não há como não escolarizar a literatura; segundo, porque precisamos avançar na formação inicial dos cursos de Letras e, por último, é indispensável “dar a ler” aos nossos professores e alunos esse mundo ficcional e às vezes inatingível, pois como diz Jorge Larrosa:

- O mestre de leitura se faz responsável, primeiro, das palavras que recebeu como um dom da leitura e que, por sua vez, quer dar a ler. Essa responsabilidade que se chama respeito, atenção, delicadeza ou cuidado, exige-lhe desaparecer ele mesmo das palavras que dá a ler em sua máxima pureza. E o mestre de leitura se faz responsável também nos novos leitores que deveriam produzir novas leituras. Por isso também tem de desaparecer na leitura do que dá a ler para que seja uma leitura nova e imprevisível.

- O dar a ler do mestre de leitura é um proteger as palavras e um abrir a leitura?

- Seu dar a ler implica sempre um duplo gesto. Por um lado, deve respeitar as palavras que dá a ler para protegê-las tanto do dogmatismo interpretativo como do delírio interpretativo. Por outro, deve abrir a leitura, quer dizer, deve fazer que a leitura seja ao mesmo tempo rigorosa e indecível. (2004: 26)

Por fim, esse é o jogo ao qual o professor está submetido, ou seja, reconhecer uma formação mediada por um discurso oficial e acadêmico, mas que precisa também atender os saberes da experiência cotidiana da sala de aula. É nessa corda bamba, que o professor se equilibra para realizar as articulações da leitura literária no espaço escolar. Em síntese, entre o leitor e o livro, entre a realidade e a magia ficcional, entre a produção e a criação, existe um elemento de condução, e, esse ser real e mágico, é o bom professor ou a boa professora de Literatura.

**OBRAS CITADAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino FUndamental. *Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Fundamental*. Brasília 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares nacionais para o ensino médio*. Volume 1: Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Brasília 2006.

BURLAMAQUE, Fabiane V. “Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor”. In: TURCHI, Maria Z. Turchi & Vera T. Silva, (orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 79-91.

CHIAPPINI, Ligia. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

\_\_\_\_\_. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FREITAS, Maria Teresa A. “Na memória de professoras: uma história de leitura e escrita”. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 2, p. 9-29, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo00114.pdf> Acesso em: 01 de junho de 2016.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: Regina Zilberman, (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 51-62.

LARROSA, Jorge. “Dar a ler...talvez”. *Linguagem e educação depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15-47.

LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário M. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella. O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação (USP), São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07102008-101148/pt-br.php>. Acesso em 23.06.2016.

RAMOS, Flávia Brocchetto. O leitor como produtor de sentido nas aulas de literatura: reflexões sobre o processo de mediação. In: PAULINO, Graça Paulino & Rildo Cosson, (orgs.). *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 107-114.

ROCCO, Maria Thereza F. *Literatura/ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

SEGABINAZI, Daniela M. Educação literária e a formação docente: encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na Universidade do Século XXI. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB), João Pessoa, 2011. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6177>. Acesso em: 23 de junho de 2016.

SOUZA, Renata J. & Caroline Santos. “A leitura da literatura infantil na escola”. In: Renata J. Souza, (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 79-90.

VIEIRA, Alice. *O prazer do texto: perspectivas para o ensino de literatura*. São Paulo: EPU, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

———. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ZILBERMAN, Regina & Tania M. K. Rösing, (orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

#### TEACHER’S MEDIATION IN LITERATURE READERS IN TRAINING: OFFICIAL AND ACADEMIC SPEECHES

ABSTRACT: Public and private campaigns to encourage reading, the increase in academic research and book publications and periodicals allocating spaces to discuss the formation of readers and literature teach in school and beyond, has supported the effort and stay for the construction of the fostering proposals of reading in Brazil. Also, this direction, public policy has been intensifying and taking advantage of everyone’s commitment to present new paradigms to the concepts and practices of reading in school, causing the reorganization in traditional routines of literature teaching in the curriculum and in classroom activities and, above all, training and teacher praxis. Thus, reflecting on this context of changes in the school, the literature teaching and especially the role that the teacher should admit on the need to form readers, this article intends to show how the oficial and scholars speeches explicit the “new” teacher’s function when assume the role of mediator and articulator of the reading literary at school.

KEYWORDS: Literature. Teacher. Mediation. Reader.

Recebido em 28 de junho de 2016; aprovado em 20 de dezembro de 2016.